

# DEGUSTE A BIENAL

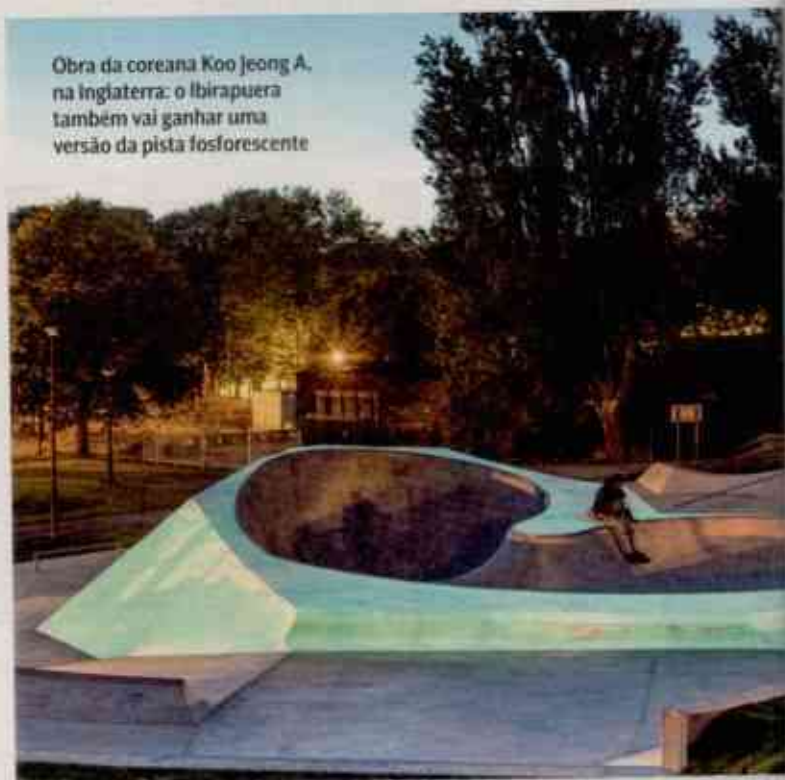
Há até instalação comestível na 32ª edição da exposição, que abre nesta quarta, 7, com 330 obras de artistas e coletivos de 33 países. **Julia Flamingo**

Uma pista de skate fosforescente, um piso aparentemente firme que esconde uma cama elástica e a reprodução de uma oca indígena na qual é possível entrar são atrações que poderiam fazer parte de um parque de diversões. Na verdade, são obras de arte que integram a 32ª Bienal de São Paulo, com abertura marcada para quarta (7), no Parque do Ibirapuera. Dos 330 trabalhos expostos, 70% foram criados especialmente para a ocasião. Presente também nas últimas edições, a ideia de instalações interativas ganha força ímpar neste ano e promete oferecer ao visitante até 11 de dezembro uma série de experiências sensoriais inusitadas — e gratuitas.

Um dos mais importantes eventos de arte contemporânea do mundo, a Bienal paulistana teve sua primeira edição em 1951 e só perde em longevidade para a de Veneza, na Itália, criada quase sessenta anos antes. Sua relevância reflete-se no portfólio de peso, com 81 artistas e coletivos provenientes de 33 países. O responsável pela desafiadora função de escolher as obras foi o alemão Jochen Volz. Radicado no Brasil há doze anos, ele participou como curador convidado da 27ª Bienal e, desde 2004, faz o mesmo papel no Instituto Inhotim, em Brumadinho, Minas



Volz e Dois Pesos. Duas Medidas: torres de 8 metros de altura



Obra da coreana Koo Jeong A, na Inglaterra: o Ibirapuera também vai ganhar uma versão da pista fosforescente





Bordado assinado por Ebony Patterson: paralelo entre as realidades da Jamaica e do Brasil



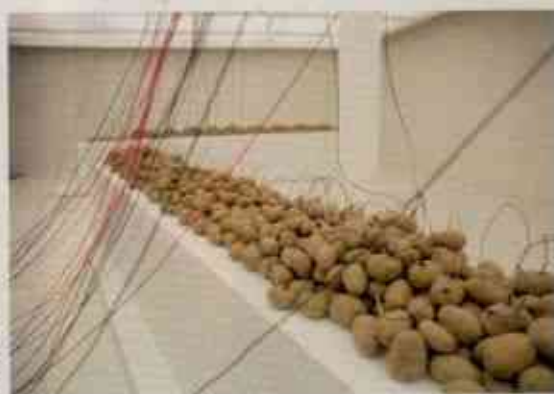
Gerais. Casado com a artista mineira Rivane Neuenschwander, viveu em Belo Horizonte até o início deste ano, quando se mudou para cá. Para a nova mostra no Ibirapuera, escolheu o tema *Incerteza Viva*. “Queremos discutir a sensação de insegurança que todos compartilhamos em meio a problemas atuais como guerras, desafios causados pelo fluxo de imigração e crises políticas e econômicas”, discursa o curador, em português perfeito, mas com bastante sotaque.

Uma das convidadas de Volz foi a mineira Lais Myrrha. No privilegiado espaço entre as rampas do pavilhão no Ibirapuera, ela criou *Dois Pesos, Duas Medidas*. Trata-se de duas torres de 8 metros de altura, dispostas lado a lado, uma delas de alvenaria e a outra feita com elementos de construções indígenas,

como troncos de árvore e palha. Perto dali, no térreo, ficará a obra *Agora: Oca Tapera-Terreiro*, do paraense Bené Fonteles. Além de artista, Fonteles é ativista, compositor, músico, escultor e xamã. Sua construção de teto de palha e paredes de taipa reproduz uma oca indígena e terá, no interior, uma programação com rodas de discussão, performances e rituais apresentados em sessões para oitenta pessoas. “Meu maior desafio foi construir sem cavar um buraco no piso de um prédio icônico”, conta Fonteles, referindo-se ao edifício projetado por Oscar Niemeyer.

Empreitada ainda mais trabalhosa teve a coreana Koo Jeong A. Fora do pavilhão, ela montou uma pista de skate de 17 metros de diâmetro e com pintura de tinta fosforescente, nos mesmos moldes de experiência que reali-





A massagem de Lindman, a oca de Bené Fonteles e as batatas de Victor Grippo: tentativas de surpreender e de criar interatividade com o público

zou em cidades como Liverpool, na Inglaterra. Para viabilizar a ideia, a Bienal precisou pedir autorização a quatro órgãos, entre eles a Secretaria do Verde e o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. A peça ficará disponível para os que quiserem arriscar manobras. O efeito para quem vê de fora é interessante, com vultos percorrendo o circuito que brilha no escuro. A finlandesa Pia Lindman apostou numa experiência mais relaxante. No projeto *Nariz Orelhas Olhos*, receberá os visitantes numa casa de bambu para aplicar uma técnica milenar de massagem do seu país. Outro destaque é a obra *Chão*, do artista mineiro José Bento. Ao caminhar por um piso de taco, o público descobre, de repente, que há uma cama elástica camuflada embaixo dele.

Fora do universo das peças interativas, há outros trabalhos instigantes, como o bordado da jamaicana Ebony Patterson, que debate os altos índices de assassinato de jovens negros na Jamaica e no Brasil. Na linha inusitada,

uma das campeãs é *Naturalizar o Homem, Humanizar a Natureza, ou Energia Vegetal*, do argentino Víctor Grippo, na qual se mede a temperatura de batatas (o artista, morto em 2002, defendia que isso era arte, sim).

Na nova edição da Bienal é esperado um público de quase 500 000 pessoas. Além de um café que será inaugurado durante o evento, o mezanino do prédio terá um restaurante-instalação com produtos orgânicos. Batizada de *Restauuro*, a iniciativa é de Jorge Menna Barreto. Na primeira semana, o menu será um prato feito com cereais, feijão, verduras, raízes, salada e farofa, por 15 reais. "Quero mostrar como os hábitos alimentares e o sistema digestivo têm o poder de moldar e regenerar a paisagem na qual vivemos", diz Barreto. ■

**Pavilhão da Bienal.** Parque do Ibirapuera, portão 3, ☎ 5576-7600. Terça, quarta, sexta, domingo e feriados, 9h às 19h; quinta e sábado, 9h às 22h. Até 11 de dezembro. A partir de quarta (7).